

Público

C02
Carros vão poluir menos um terço
Economia, 27

Habitação
Arrendamento cai, preços sobem
Economia, 26

Só 5% das famílias carenciadas têm apoio
Sociedade, 18

Há mais 800 fortunas que o fisco vai manter sob vigilância apertada

Inspectores identificaram mais 800 grandes contribuintes com situação tributária que justifica vigilância, por possuírem mais de 750 mil euros de rendimento ou mais de cinco milhões de património **Economia, 24**

Barragem Ponte de Indiana Jones liga duas aldeias e vai ficar submersa **p16/17**



“Brexit”: May diz que sai antes da próxima fase de negociações

Donald Tusk e Parlamento Europeu convidam britânicos a participar nas eleições de Maio **p2a4**

HOJE
Colecção
Batman 80 anos
Vol. 6 - Ícaro

Por + 11,90€

Pela estrada fora na N6, que faz a Beira renascer
Ainda há caminhos que a ajuda humanitária não consegue alcançar em Moçambique **p30/31**



Banco de Portugal sabia de problemas na CGD desde 2011
“Não tenho memória”, repetiu várias vezes o governador na comissão de inquérito à CGD **p10/11**

Bastonário diz que caso Neto de Moura é a ponta do icebergue
Guilherme Figueiredo não exclui revisão constitucional por causa da violência doméstica **p20/21**

Lisboa espera há cinco anos por nova ponte dos Coches
Passagem continua sem abrir, apesar de estar, aparentemente, concluída desde Março de 2108 **p22**

“Se não pagam os terrenos como deve ser, deixem lá a ponte”

A ponte que une as aldeias de Veral, em Boticas, e de Monteiros, em Vila Pouca de Aguiar, vai ficar submersa pelas barragens do Tâmega. Os habitantes exigem a sua realocização

Reportagem
Natália Faria (texto)
Inês Fernandes (fotos)

“Destruir o que está feito é de gente sem consideração”, desabafa a mulher, figura de negro absoluto, apoiada num cajado. Da sua frase ressoa resignação, mais do que a indignação que seria natural a quem arrisca ver desaparecer sob as águas do rio a única ponte que liga a aldeia onde nos encontramos, Veral, em Boticas, à de Monteiros, em Vila Pouca de Aguiar. Se, como se teme por estas bandas, a ponte ficar submersa pela construção da barragem do Alto Tâmega, ficam as duas aldeias ainda mais isoladas. Do resto do mundo, mas, sobretudo, uma da outra, que é o mesmo que dizer que, desaparecendo a ponte, desaparecem com ela décadas de entrosamento entre os habitantes dos dois lados do rio Tâmega.

Para a encontrar, à Ponte de Arame, basta exagerar no zoom no Google Maps. Mas é preciso percorrer quilómetros de auto-estrada, atravessar este encavalitamento de casas na encosta sobre o vale do Tâmega e depois arriscar caminhos de pedras onde resvalam as solas para, adiando o esplendor cor-de-rosa das urzes, encontrar esta construção de tábuas suspensas por arames. Na aparência, a ponte que ali aparece como tendo sido construída em 1936 não deve nada ao imaginário de Indiana Jones. Serve, porém, fins bem mais prosaicos: serve, por exemplo, para quem vai de Veral a Monteiros “ganhar a jeira”, ou seja, o sustento com o trabalho na lavoura.

“São 20 euros, o meio-dia [de trabalho]. Os ‘de lá’ chamam o pessoal daqui, porque lá já não têm quem o faça”, precisa Palmira Alves Gonçalves, uma das cerca de três dezenas de habitantes que restam

em Veral. Conta Palmira que a Ponte de Arame foi construída no tempo “em que a autoridade era o regedor” para evitar que, no Inverno, a travessia se fizesse de barco. A primeira versão da ponte corria rente às águas do rio, mas, se acontecia o nível das águas subir, “lá se ia a ponte”, arrastada pela correnteza. E terá sido então que o regedor a decidiu elevar, tornando mais seguro o ver-se-te-avias destas gentes sobre o rio (para as desfolhadas, para ir buscar farinha aos moinhos, para a missa, para as festas de Verão).

Este movimento desacelerou-se nas últimas décadas, em relação directa com a emigração. Entre os que envelhecem por aqui, como Palmira Gonçalves, que já vai nos 76 anos, as pernas já não aguentam a travessia. Mas o filho que com ela vive continua no vaivém sobre o rio. “Há semanas que vou três e quatro vezes: é um calhar, uma sorte”, conta José Gonçalves, falando de cima de um tractor carregado de estrume, rafeiro enroscado nos pés.

Demasiado “medorento”, segundo a mãe, para arriscar a vida fora, José foi-se deixando ficar em Veral. “Sempre a trabalhar na lavoura. É batatas, milho, feijão... Antigamente sementava-se centeio, mas agora já não, porque nem as máquinas querem cá vir para o malhar”. A agricultura de subsistência complementa-se com o dinheiro ganho nas jeiras. O problema é que, desaparecendo a ponte, a única forma de chegar ao outro lado do rio é percorrendo mais de 50 quilómetros de curvas e contracurvas que requerem perícia de Fórmula 1. “De carro não se ganha para a jeira”, preocupa-se José, lembrando que foi dos primeiros a assinar a petição que por ali correu há anos a pedir a realocização da ponte em local que permita preservar “a ligação histórica e antropológica”



entre as aldeias. A Palmira preocupa-a ainda o facto de a construção de a barragem, uma das três inseridas no Complexo Hidroeléctrico do Alto Tâmega se

preparar para submergir os terrenos que possui na borda do rio. A notícia chegou-lhe pelo diz-que-diz da aldeia. “Dizem que eles [Iberdrola] andam a apanhar

os terrenos por uma ninharia. Não chega a um euro por metro, mas ainda não sei se é assim, se não é”, ressalva a septuagenária, que, incapaz de decifrar linguagem de engenheiros, foi cimentando decisões a partir do que foi ouvindo. “Diz que, se não assinarmos, vão para tribunal. Se assim é, vou assinar, porque, se chega ao tribunal, vou gastar lá o pouco dinheiro que me hão-de dar.”

E o pior é que, ficando sem terrenos, Palmira será obrigada a vender o gado. “Sem terreno, onde é que vou pôr as vacas a pastar?”, resigna-se. Quase a despedir-se, deixa respigar alguma indignação:

– Se não pagam os terrenos como deve ser, ao menos deixem lá a ponte. O dinheiro com que nos assaltam nos terrenos deve dar para pagar isso.

Sobre indemnizações a Iberdrola

O novo trajecto entre Veral e Monteiros

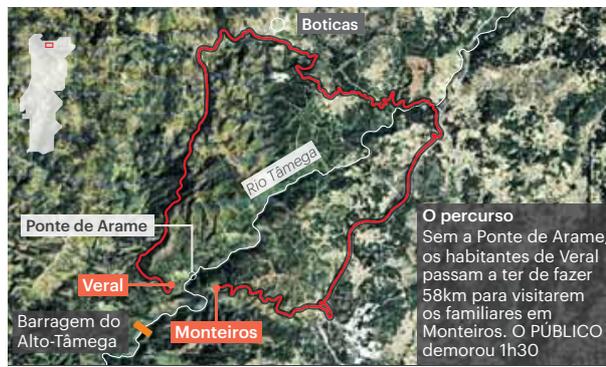
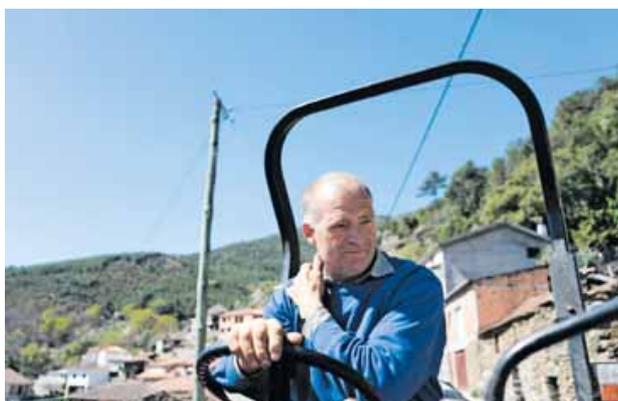


Foto: GoogleEarth

PUBLICO

O percurso
 Sem a Ponte de Arame, os habitantes de Veral passam a ter de fazer 58km para visitarem os familiares em Monteiros. O PÚBLICO demorou 1h30

Maria Gonçalves é a habitante mais idosa de Veral e guarda recordações antigas da Ponte de Arame (à esquerda). José Gonçalves continua a servir-se da travessia para “ganhar a jeira” do lado de lá do rio Tâmega



garantiu que “nas zonas de Veral e Monteiros ainda não foram feitas expropriações”. Logo, “ainda não existe um valor”.

Quanto à ponte, o presidente de Vila Pouca de Aguiar, Alberto Machado, limitou-se a adiantar que amanhã haverá uma reunião com a Comissão de Acompanhamento Ambiental do Sistema Electroprodutor do Tâmega, presidida pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA), em que pedirá “uma alternativa viável” entre as duas localidades. Isto porque, tendo a travessia sido considerada uma existência patrimonial, não se enquadra nas contrapartidas dadas aos municípios. Mais assertivo, o autarca de Boticas, Fernando Queiroga, lembra: “Quem vai estragar a ponte é a Iberdrola, que julgo que tem a responsabilidade de repor aquilo que estraga.”

A Iberdrola, por seu turno, atira

as responsabilidades para a APA, autoridade responsável pela avaliação de impactes ambientais do projecto hidroeléctrico. “A Iberdrola garante que cumprirá escrupulosamente as decisões que vierem a ser determinadas pela autoridade”, respondeu a Iberdrola ao PÚBLICO, predispondo-se a acatar a decisão que vier a ser tomada quanto à realocização da ponte.

“Até o lume íamos pedir”

As histórias por detrás desta classificação conhece-as Maria Gonçalves como ninguém. Lembra-se, por exemplo, que na casa branca, a algumas passadas do sítio onde conversámos com Palmira e José, funcionou uma mercearia.

– Era lá que íamos buscar meio quilo de arroz ou um quilo ou meio quartilho de azeite. O merceeiro ia

e vinha pela ponte num macho.

– Num?

– Num animal, num burro! Ia a Vila Pouca e trazia de lá a mercearia para pôr na loja, precisa.

Camisola amarela esburacada, saia cor-de-rosa e orelhas esgaçadas pelos brincos de ouro, Maria é, aos 90 anos, a habitante mais velha de Veral.

– Era catraia novita e íamos todos para a festa, do lado de lá, em Agosto. A minha mãe também para lá ia, para uns lameiros [terra alagadiça onde cresce pasto]. Uma tia, irmã da minha mãe, casou por lá. E os de Monteiros, dantes, vinham aqui à missa.

A miséria grassava.

– Alembro-me que até o lume íamos pedir a quem nos desse umas brasinhas, porque não tínhamos às vezes dinheiro nem para uma caixa de fósforos.

Mas isso era no tempo em que a

Barragens estarão prontas até 2023

As três barragens e centrais hidroeléctricas que a Iberdrola está a construir no rio Tâmega (Gouvães, Daivões e Alto Tâmega) foram anunciadas como constituindo o maior empreendimento do género em toda a Europa e o maior de sempre na Península Ibérica: abrange os municípios de Ribeira de Pena, Boticas, Vila Pouca de Aguiar, Chaves, Valpaços, Montalegre e Cabeceiras de Basto, num investimento superior a 1500 milhões de euros e terá “uma potência instalada de 1158 megawatts que representará, quando construído, 6% da potência instalada em Portugal”, segundo a empresa espanhola. Anualmente, as três centrais deverão produzir o equivalente ao consumo de electricidade de 440 famílias.

O ano de 2023 é apontado como sendo o da conclusão das obras. Segundo o balanço feito ontem pela Iberdrola, que ficará a explorar as três centrais durante 70 anos, já foram concluídos 45% da obra — iniciada em 2014 — e aplicado mais de metade do investimento anunciado. A central hidroeléctrica de Gouvães, que será subterrânea, tem o início da operação comercial previsto para Dezembro de 2021, tal como a de Daivões, que obrigará ao reperfilamento do rio e da pista de pesca, trabalhos que, ainda segundo a Iberdrola, “estarão concluídos no final do Verão do próximo ano”.

Quanto à barragem de Alto Tâmega, cujos trabalhos se iniciaram em Março de 2017, não deverá começar a ser explorada comercialmente antes de 2023.

Igreja ficava a abarrotar aos domingos. Hoje, o padre vai de 15 em 15 dias celebrar missa e acontece estarem “dois ou três a assistir”, segundo José. A falta da mercearia foi colmatada pelo merceeiro ambulante que passa “a cada oito dias”, diz Palmira. Se calha a igreja encher, é porque morreu alguém.

– Um funeral e vai-se daqui para lá. E os de Monteiros também se juntam aqui, retoma Maria Gonçalves.

Quem arrisca a travessia da ponte para o lado de Monteiros percebe que, do lado de lá, a desolação é ainda mais funda. Uma paisagem semeada de cerejeiras em flor, muretes azulados pela sargacinha, e, como banda sonora, balidos de ovelhas e o zurro de um burro. Fora isso, apenas o latido de um cão a acentuar o silêncio de casas fechadas a seguir a casas fechadas. Passa-se o nicho de Santo António alindado com flores de plástico, ignora-se uma torneira de uso colectivo onde alguém pendurou um caneco para quem se queira servir, e vai-se dar ao adro da igreja.

Aqui, o sinal de presença humana é dado pelo placard dedicado aos editais, onde a Iberdrola convoca, “a população interessada” para, no dia 3 de Abril, conhecer o cronograma das obras a realizar na zona em 2019. A assistente social Maria Olímpia já aqui não vive: trocou Monteiros por Lisboa. Mas, podendo, há-de lá ir, lutar pela manutenção da ponte “Desde que me reformei, volto de 15 em 15 dias à aldeia, onde restaurámos a casa que era do meu pai”, situa, numa conversa ao telefone, para adiantar que é uma das pessoas que, a partir de Monteiros, recrutam mão-de-obra em Veral. Para Olímpia, o desaparecimento da ponte será sentença de morte para os que se deixaram ficar. “O meu pai chegou ao ir ao programa da Júlia Pinheiro falar desta ponte que foi feita pelo povo. Se a deixam cair, os que estão a regressar — e muitos tinham partido porque a electricidade e a água canalizada chegaram muito tarde — desistem e começa tudo a cair outra vez.”

nfaria@publico.pt